



## **EXCLUSÃO E NEGRITUDE EM BAURU: LEMBRANÇAS DE PELEZINHO**

### **EXCLUSION AND BLACKNESS IN BAURU: PELEZINHO REMEMBRANCE**

Fabio Paride Pallotta<sup>1</sup>  
William Henrique dos Reis Carneiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestre em História. Prof. da Universidade Sagrado Coração – Bauru/SP. E-mail:  
historiaferramenta@terra.com.br

<sup>2</sup>Graduando em História da Universidade do Sagrado Coração – Bauru/SP

#### **RESUMO**

Na década de 1970, a cidade de Bauru vivia das aparências e propagandas do regime militar instituído pelo Golpe Civil Militar de 1964. Sob a aparente calma institucional e normalidade social, a cidade também vivia sob a “tolerância racial” com a população negra representada na “aceitação” de um personagem urbano: Pelezinho. Negro, com problemas de locomoção, provavelmente sequelas de uma paralisia infantil, corcunda, um “Quasímodo” bauruense. Alegre, entregador de jornais, travestido nos carnavais, mas na verdade um excluído social, aceito na sua negritude devido a aparente alegria e aceitação da sua condição. Sem mais nem menos desaparece Pelezinho. Devemos conhecê-lo para conhecer as condições de negritude e exclusão social na década de 1970, em Bauru.

**Palavras-chave:** Negritude. Exclusão. História de vida.

#### **INTRODUÇÃO**

Bauru, cidade da região noroeste do estado de São Paulo, teve seu desenvolvimento ligado ao café e a presença das três principais ferrovias do estado de São Paulo: Estrada de Ferro Sorocabana - 1905, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – 1906 e Cia de Estrada de Ferro Paulista - 1910. A junção entre a riqueza do café e a tecnologia trazida pela ferrovia forjou uma modernidade conservadora, como, aliás, foi o desenvolvimento da modernidade em todo o Brasil.

No início do século XX, devido a estas características, a *representação social das elites bauruenses* era no sentido de se considerarem no mesmo nível de desenvolvimento dos grandes centros econômicos do estado pela presença do automóvel, artefato tecnológico que acabaria por substituir a ferrovia, pela visita de intelectuais do modernismo

como Menotti del Picchia<sup>3</sup>, pela presença do jornalista Brenno Ferraz<sup>4</sup>, de publicações modernistas como a “Revista Pheonix” que reuniria [...] os melhores elementos da nova geração artística[...] e o desenvolvimento da “Política dos Banquetes”, banquetes que eram oferecidos às pessoas com capital social elevado.

[...] Os *banquetes* apresentaram-se como uma prática comum entre as elites políticas e econômicas na cidade e foram realizadas com certa frequência. Essa prática reafirmava os laços de solidariedade entre os participantes, dava *status social* e servia, também, para a solicitação de reivindicações e vantagens pessoais ou dos grupos interessados. Em virtude da importância e destaque que receberam estes eventos, por meio dos jornais pesquisados, as questões políticas e sociais que eles encerravam remeteram ao questionamento sobre o ato de comer em público a partir de uma espécie de cerimonial. [...]<sup>5</sup>

Dentro desta autoimagem social, a presença de pessoas negras em Bauru, desde o início foi marcada pela exclusão ou aceitação parcial daqueles negros que não saíssem do modelo de subserviência que vinha desde o Brasil Colônia. Petrônio Domingues analisando o sociólogo Fernando Henrique Cardoso<sup>6</sup> lembra que apesar dos problemas na interpretação do sociólogo sobre a escravidão negra no Rio Grande do Sul, foi uma voz divergente quanto a existência no Brasil de uma “democracia racial”, discurso surgido com a abolição e hegemônico na década de 1960. Fernando Henrique Cardoso denunciou as arbitrariedades cometidas contra os negros com a finalidade de não lhes conceder a partilha de benefícios concedidos aos brancos. Para sobreviver o negro deveria submeter-se a um *mimetismo social* sendo “respeitado” pela obediência à etiqueta dos brancos quanto aos seus comportamentos exteriores. Pelezinho, aceito por este mimetismo em plena década de 1970, durante o regime civil militar do Golpe de 1964 será estudado no presente artigo pelas lembranças que deixou e devido ao seu misterioso desaparecimento que até hoje não foi elucidado apesar de pistas de seu assassinato.

---

<sup>3</sup> PELEGRINA, G. R. Memórias de um ferroviário – XXXII – **Jornal da Cidade**, Bauru, 7 jul. 1986, p.29. Coluna do *Jornal da Cidade* de 27/07/1986, que relatou a visita realizada pelo poeta Menotti del Picchia à cidade de Bauru em 1921

<sup>4</sup> FERRAZ, B. **Cidades Vivas**: Sorocabana, Noroeste e Grupo Jahuense. São Paulo: Monteiro Lobato & Companhia Editores, 1924. É provável que o título da obra de Brenno Ferraz seja uma menção a obra de Monteiro Lobato *Cidades Mortas* onde o escritor critica a decadência das cidades do Vale do Paraíba, apesar do café e das ferrovias.

<sup>5</sup> PALLOTTA, F. P. **A ferrovia e o automóvel**: ícones da modernidade na cidade de Bauru (1917-1939) – 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Assis, 2008.

<sup>6</sup> DOMINGUES, P. O Protagonismo Negro no Pós-Abolição. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 215-250, dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/18932>>. Acesso em: 11 mar. 2017

## O BRASIL E BAURU NA DÉCADA DE 1970: A QUESTÃO DA NEGRITUDE

Após o populismo autoritário de Getúlio Vargas (1930-1937), seguido da ditadura totalitária do mesmo político conhecida como o Estado Novo (1937-1945) da Era de Vargas, seguiu-se a esperança de que o caminho do Populismo Democrático pudesse superar suas limitações e criar uma nova realidade que beneficiasse a todos os brasileiros.

Assim também foi quando do Golpe Civil Militar de 1964, onde lideranças políticas e operárias foram perseguidas, cassadas e demitidas. A arte popular foi considerada como “não arte” e proibida de se apresentar no Brasil ou representar o país em exposições internacionais pelos generais-presidentes como ficou claro no episódio envolvendo a arquiteta italiana radicada no Brasil Lina Bo Bardi. Ela, seu marido o marchand Pietro Maria Bardi, o cineasta Glauber Rocha e o diretor de teatro Martins Gonçalves elaboraram uma exposição para a inauguração da nova sede do MASP na Avenida Paulista chamada “A Mão do Povo Brasileiro” (A MÃO..., 2016).

Esta exposição já tinha sido proibida na Itália pelos generais-presidentes em 1965 devido a concepção de país e de arte que eles queriam mostrar ao mundo: um Brasil fora da realidade, com uma cultura erudita e “superior” onde não haveria lugar e espaço para mostrar a produção cultural do povo brasileiro, criativo, religioso, devoto e festeiro. Era o “Brasil Grande”, inserido na economia mundial e financiado pelos recursos econômicos disponíveis aos “países confiáveis” (ditaduras militares ou pessoais pró E.U.A) do Bloco Capitalista durante a Guerra Fria. Culturalmente entrávamos de cabeça na indústria cultural televisiva através do acordo Time Life-Globo de 1962 que permitiu a criação da Rede Globo 3 anos mais tarde, em 1965, como representante do “American Way of Life” e que passou a ditar, até a chegada da Era Digital, como deveria ser a cultura produzida e consumida no Brasil.

Tal situação se refletiu na história de Pelezinho, vítima da questão social e “respeitado” pelo seu “mimetismo social” denunciado anos antes pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Como veremos, esta situação não se abateu somente sobre o nosso personagem, mas alcançou várias pessoas como Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, que também serviu de apelido para Leonel Batista, o outro Pelé de Bauru, o Pelezinho da Cinelândia Bauruense.

## **O CINEMA NA CIDADE DE BAURU E A CINELÂNDIA**

Com seu auge na década de 1930 à 1960 quando começou a entrar em declínio devido ao sucesso da televisão na década de 1950, Bauru teve a sua Cinelândia tal qual no Rio de Janeiro, capital da república até 1960, quando deixou de sê-lo devido a inauguração de Brasília.

Delimitada entre as ruas Gustavo Maciel, 1º de Agosto e Agenor Meira, região em que estavam localizados os principais cinemas da cidade.

Na rua Gustavo Maciel estava localizado o Cine Vila Rica e na 1º de Agosto o Cine Bauru, inaugurado em 1939, em *Art Deco*, seguindo o estilo da Estação Ferroviária Central, com 1800 lugares, mezanino e palco italiano. Ainda na rua 1º de Agosto estavam o Cine Capri e o Cine São Paulo de menor tamanho, mas igual importância.

A região se sobressaía não só pelos cinemas, mas por seus cafés que reuniam políticos, artistas, curiosos, e pelas sociabilidades desenvolvidas no local, onde transitava também Pelezinho.

## **NEGRITUDE NA DÉCADA DE 1970 NO BRASIL E EM BAURU. CONCESSÕES SOCIAIS AOS NEGROS “AJUSTADOS/MIMETIZADOS” E SUAS EXCEÇÕES**

Na esquina das ruas Rio Branco e 1º de Agosto ficava Pelezinho, nascido Leonel Batista. Transitava por toda região como personagem local, “figurinha carimbada” da Cinelândia bauruense. Corcunda, com dificuldades de locomoção, provavelmente por uma paralisia infantil, negro, em uma época em que a negritude era aceita como uma concessão social pelas elites brancas.

Levado em conta pela sua alegria de viver, seus trejeitos, sua maneira de enfrentar o mundo sem se preocupar com sua cor ou condição física, Pelezinho pintava quadros com cavaletes junto ao meio fio, cantava sambinhas tentando imitar Nelson Gonçalves e assustava as moças imitando cachorro.

Este perfil pessoal, criado pelo jornalista Correia das Neves misturava admiração e escárnio sendo comum à época onde poucos negros eram aceitos na sua integridade e negritude.

[...] “PELÉZINHO” – Leonel Batista, o “Pelézinho”, é um preto corcunda, mûço e muito dado a gracejos. É natural de Bauru. Tem um defeito na espinha: ora, anda arcado para a frente; ora anda arcado para trás. Conta-se que um médico da cidade propôs para lhe consertar o defeito físico, porém teria êle que ficar muito tempo imobilizado, deitado no leito, com um colete de gesso. Recusou a oferta, alegando que não podia ficar muito tempo em incômoda posição. Gosta de cantar sambinhas, esforçando-se por imitar Nelson Gonçalves. Gosta também de pintura. De tempos em tempos, faz, nas calçadas das residências no centro da cidade, exposições de seus quadros. Não pinta bem, mas pinta... Houve um tempo em que um dos seus divertimentos era assustar mûças nas vias públicas, imitando o latido de cão. Agora escolheu uma profissão: vendedor de bilhetes de loteria. E, assim, vai vivendo êsse interessante tipo popular de Bauru. [...]<sup>7</sup>

A aceitação, nas décadas de 1960 e 1970, da população negra, acontecia quando o negro se mostrava “engraçado”, “subserviente”, “sabia seu lugar”, “não dava palpites” e não “ameaçava o status quo”, como o jogador de futebol, Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé e reconhecido internacionalmente como o maior atleta do Século XX e, na consciência nacional, como o maior jogador de futebol de todos os tempos.

As atitudes do Rei do Futebol, separando a pessoa de Edson Arantes do Nascimento do jogador Pelé, como pessoas distintas, usando a terceira pessoa do singular, ele, em uma espécie de plural majestático, mostra as dificuldades das pessoas negras em conquistarem o seu espaço e respeito social das décadas estudadas.

Outro importante personagem deste comportamento ajustado/mimetizado foi a figura do cantor e compositor Wilson Simonal de Castro, um dos maiores cantores das décadas de 1960 e 1970, com sucessos cantados por milhares de pessoas em seus shows, mas que devido a acusações de colaboração com o DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, extorsão mediante sequestro de seu ex contador que lhe teria aplicado um desfalque. A carreira de Simonal entrou em decadência perdendo o Brasil um de seus maiores cantores que morreu no dia 25 de junho de 2000, em São Paulo.

Como antípoda destes comportamentos adaptativos, miméticos, tivemos a figura de Paulo César Lima, apelidado de Paulo César “Caju”<sup>8</sup>. Jogador do Botafogo na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e início da década de 1970, foi jogador da elite

---

<sup>7</sup> NEVES, C. **Tipos populares de Bauru**. [Bauru: s.n.], 1971. Manteve a ortografia usada no livro da década de 1970, com os respectivos acentos e outras características.

<sup>8</sup> CAJU, P.C. Só a educação salva o futebol. **blogs.oglobo**, 2014. Disponível em: <[blogs.oglobo.globo.com/blog-do-caju/post/so-educacao-salva-futebol-534057.html](http://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-caju/post/so-educacao-salva-futebol-534057.html)>. Acesso em: 11 mar. 2017.

futebolística brasileira. Convocado várias vezes para a seleção, foi campeão como reserva da Copa de 1970, no México.

Em 1968, ao voltar de uma viagem aos EUA, onde o Botafogo havia feito um amistoso internacional, estava com os cabelos pintados de vermelho em homenagem aos membros do movimento negro dos Black Panthers, daí seu apelido “Paulo César Caju”.

Segundo o jogador:

[...]. Fui com o Jairzinho e não acreditei quando nos deparamos com uma manifestação dos BLACK PANTHERS, partido revolucionário que patrulhava os guetos negros pra protegê-los da violência policial. Nessa época meus ídolos eram Martin Luther King, Cassius Marcelus Clay, a professora de sociologia Ângela Davis e claro Malcolm X, um dos defensores do nacionalismo, e que estava preso. Me emociono ao lembrar desse momento. Os integrantes do Black Panther Party exigiam a libertação de todos os negros e a ala mais radical sugeria a luta armada. Todos usavam Black Power coloridos, calças boca de sino e roupas extravagantes. Precisava comprar aquele barulho de alguma forma. Entrei no primeiro salão que encontrei e mandei tingir o meu cabelo de vermelho. Muitos jogadores, a partir daí, também deixaram o cabelo crescer, mas pintar, pelo que me lembre foi um dos únicos. [...]<sup>9</sup>

Além da consciência étnica, social e política, Paulo César Caju escandalizava a sociedade brasileira da época ao usar roupas caras e extravagantes, frequentar boates e restaurantes da moda, dirigir luxuosos e caros carros esportes e namorar “moças brancas do high society”. Era um comportamento inaceitável, mesmo para um profissional de sucesso pessoal e financeiro como Paulo César Caju. Este antípoda mostrava um negro consciente da sua cidadania o que jamais seria possível ao nosso Pelezinho, que nem de longe se assemelhava ao Rei do Futebol que já se encontrava na cidade de Santos jogando pelo Santos Futebol Clube.

## **CHARGES, JORNAIS E RISO NA CIDADE DE BAURU: AUCIONE TORRES AGOSTINHO E PELEZINHO NO DIÁRIO DE BAURU NA DÉCADA DE 1970**

Na década de 1980 o chargista bauruense Aucione Torres Agostinho, no seu livro *Chargeando*, já na página 11<sup>10</sup> traz uma charge esclarecedora da condição do negro no Brasil na década de 1970. Dois personagens, Leleco e Alarico, transitando pela Cinelândia

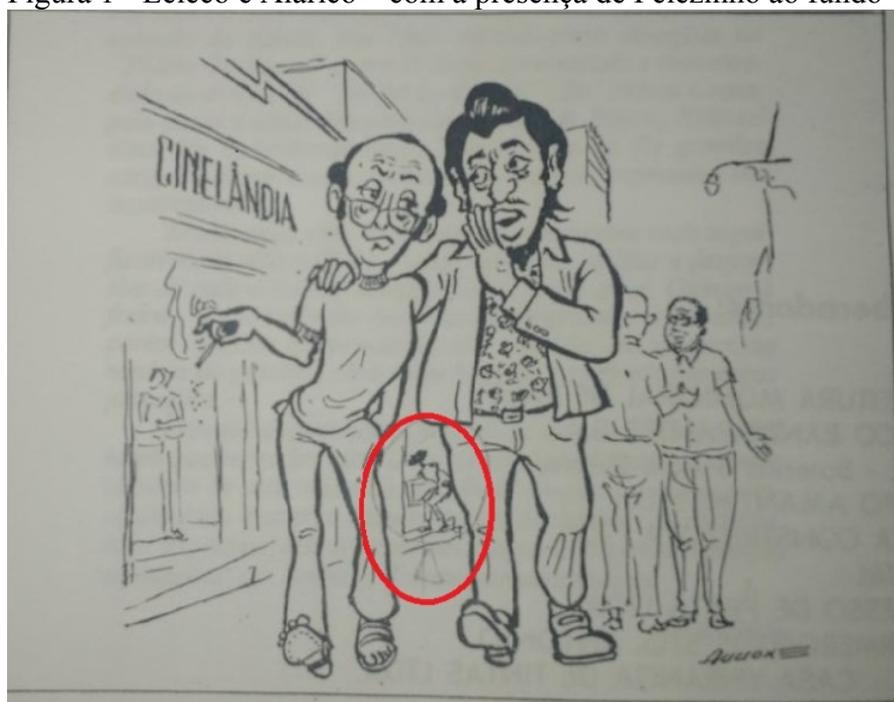
---

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> AGOSTINHO, A. T. *Chargeando*. São Paulo: Zanzalas, 1980.

bauruense, na rua 1º de Agosto e região, no centro da cidade sempre comentavam os últimos acontecimentos naquele importante local de sociabilidades e ao fundo da charge aparecia Pelezinho, não uma, duas ou algumas vezes, mas em toda a série histórica levantada no jornal Diário de Bauru.

Figura 1 - Leleco e Alarico – com a presença de Pelezinho ao fundo



Fonte: Agostinho (1980).

Elias Thomé Saliba, citando textualmente L. Wittgenstein nos diz que: “O humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo”. Dentro desta perspectiva a charge é uma forma de humor que denota também uma visão de mundo e que por exagerar atributos ou defeitos é uma forma de humor que é muito usada e foi muito usada na época do regime civil militar brasileiro. Tivemos vários chargistas famosos durante este tenebroso período como Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo entre outros e, em especial um jornal anárquico com charges corrosivas chamado “Pasquim” que foi perseguido, várias vezes fechado e que sempre voltava para importunar os generais presidentes e sua ditadura militar.

Em Bauru, um dos mais afamados chargistas, que teve uma infância pobre e mestres que lhe facultaram o caminho do desenho e da crítica social, foi Aucione Torres Agostinho<sup>11</sup> que durante boa parte de sua trajetória no jornal o Diário de Bauru, na década de 1970, fez crítica social usando o seu humor ora refinado ora desbragado e parcial através dos personagens Leleco e Alarico no Papo do Dia, onde comentavam os últimos acontecimentos de Bauru, do Brasil e do mundo, andando pela Cinelândia bauruense, apreciando o movimento e fazendo comentários sobre os fatos considerados importantes. Em toda a produção desta passagem como chargista do Diário de Bauru, em seus comentários através dos personagens Leleco e Alarico, no Papo do Dia, lá estava a figura de Pelezinho desde janeiro de 1970 até outubro de 1977.

Figura 2- Charge “inaugural” dos personagens da Cinelândia Bauruense Leleco e Alarico



Fonte: Diário de Bauru<sup>12</sup>

Aparece nas charges, minúsculo, disforme, mas sempre presente. Podemos colocá-lo como importante personagem humano da cidade de Bauru, aceito pelo seu

<sup>11</sup>AGOSTINHO, A. T. **Chargeando**, São Paulo: Editora Zanzalas, 1980. Aucione Torres Agostinho nasceu em Garça, onde desenhava na saída escola para “garantir a entrada da matinê dominical, ...”. Em 1950 chegou em Bauru depois de cinco anos de aprendizado e aperfeiçoamento em pintura na cidade de Tupã

<sup>12</sup>AGOSTINHO, A. T. LELECO e ALARICO. Diário de Bauru, Bauru, 18 de janeiro de 1970. Primeiro caderno, página 4.

comportamento “ajustado/mimético” apesar dos seus defeitos físicos e de ser negro em uma época em que a negritude não era vista com bons olhos pelos generais presidentes e seus representantes da sociedade civil. A partir de 1978 e 1979 não se encontram mais as charges de Leleco e Alarico no jornal Diário de Bauru e do fiel escudeiro da dupla, Pelezinho. Uma das hipóteses que podemos levantar a partir do seu livro *Chargeando de 1980*, é que depois de um período de grande produção e criatividade no Diário de Bauru, Aucione se preparava para mudar de jornal indo para o Jornal da Cidade. Os indícios de tal mudança se encontram na página 10 do livro, onde entre os colaboradores estão Prata Construtora LTDA, Expresso de Prata, Jornal da Cidade, empresas de um mesmo grupo controlador dono do jornal que passou a trabalhar na década de 1980, o Jornal da Cidade. Outra “pista” ou indício importante da mudança de meio de comunicação foi a última charge de Leleco e Alarico, no dia 29 de outubro de 1977, onde Leleco comenta com Alarico que [...] Vamos circular em *off-set* a partir de amanhã. **Lico!** [...] que respondeu [...]. É o progresso, Leco. Não há mais lugar para os fofoqueiros. Adeus. [...]<sup>13</sup>.

Figura 3 - Leleco e Alarico



Fonte: Diário de Bauru.<sup>14</sup>

Nota: Leleco e Alarico se despedem do público bauruense e do Diário de Bauru, em busca da modernidade em off set. Provavelmente no Jornal da Cidade.

<sup>13</sup>AGOSTINHO, A. T. LELECO e ALARICO. DIÁRIO DE BAURU, Bauru, 29 de outubro de 1977. Primeiro caderno, página 4.

<sup>14</sup>Ibid.

Assim terminou o reinado dos dois personagens bauruenses, criados por Aucione para o Diário de Bauru, frequentadores da Cinelândia que ao analisarem os acontecimentos da cidade, do Brasil e do mundo na década de 1970 não faziam apenas “fofocas”, mas davam vida aos acontecimentos e reconheciam a importância social de Pelezinho, sempre presente como um personagem urbano de uma negritude “ajustada e mimética”. O chargista, no seu novo endereço profissional, o Jornal da Cidade, não se esqueceu de Pelezinho ao lembrar do seu suposto assassinato dentro do contexto de uma crítica social ao poder da televisão, em especial as novelas da Rede Globo, e a incompetência da polícia da cidade em resolver casos intrincados.

No livro só consta uma charge de Leleco e Alarico personagens que não deve ter levado ao novo emprego, novo jornal. As suas palavras sobre o livro *Chargeando*, da década de 1980 foram:

[...]. Reuni, neste meu livro, todos os momentos mais significativos da vida política, social, religiosa, militar e desportiva de todo mundo destes últimos onze anos. Quanto à forma, é um trabalho modesto, sem grandes pretensões, porém, naquilo que procurei como essência, dei sempre, na medida do possível, uma visão honesta e coerente dos meus princípios. [...]<sup>15</sup>

A nova produção artística abordava os mais variados acontecimentos, da cidade, do Brasil e do mundo, sem os dois amigos LELECO e ALARICO conversando na Cinelândia sobre as últimas.

## **TV GLOBO: ASSASSINATOS FAMOSOS DAS NOVELAS E O ASSASSINATO REAL DE MARA LÚCIA E PELEZINHO**

O Brasil e Bauru na década de 1960, a partir do golpe civil militar de 1964, passou por um processo de “adestramento” sobre o que seria bom para o país em todos os sentidos. Culturalmente ele ficou a cargo da Rede Globo de Televisão que, com os recursos conseguidos junto a Time Life, se tornou a maior e mais moderna emissora de televisão tornando-se sinônimo de qualidade técnica e de programação.

---

<sup>15</sup> AGOSTINHO, A. T. *Chargeando*. São Paulo: Zanzalas, 1980.

Seguindo a trilha deixada pelo rádio desde a década de 1920, a Globo passou a produzir telenovelas nos moldes das rádios novelas, mas com um atrativo a mais: as imagens ao vivo dos atores que se tornaram ídolos com tanto prestígio quanto os ídolos da Era do Rádio.

Esta percepção da importância da televisão na vida nacional permeia todo o livro a partir de charges que comentam programas, situações, propostas colocadas nos lares brasileiros de forma a indução de comportamentos e outras atitudes do interesse do regime dos generais presidentes e do caminho de modernidade a ser seguido por todos os cidadãos de primeira e segunda classe.

Aucione, atento ao fascínio da televisão sobre todos, em especial a Globo, fez uma charge, à página 27, onde há a descoberta de um “importante assassinato” na novela das oito PAI HERÓI, de 1979: o assassino de César Reis (Carlos Zara) teria sido Bruno Baldaracci (Paulo Autran).

Enquanto esta “sensacional revelação” era feita por um dos personagens da charge, o outro, meio que de soslaio, afirmava que os assassinos de duas “vítimas bauruenses famosas” não haviam sido encontrados até então: Mara Lúcia, assassinada na década de 1970, e Pelezinho, personagem “ajustado e mimético” da negritude dos anos de 1970 durante a ditadura militar brasileira.

Não foi possível o levantamento de informações sobre a morte de Pelezinho, vítima de um assassinato sem autoria conhecida. Os jornais consultados não trazem notícias e a consulta feita à Polícia Civil da cidade de Bauru mostrou-se infrutífera devido a destruição dos inquéritos policiais após o prazo de cinco anos de seu encerramento.

Figura 4– Personagens discutindo a “descoberta do assassino” na novela Pai Herói de 1979\*



Fonte: Aucione (1980).<sup>16</sup>

Nota: \*enquanto em Bauru não se havia descoberto os assassinos de Mara Lúcia e Pelezinho

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, em pleno século XXI, a população negra ainda não tem reconhecido o seu “status” de cidadania, ocupando lugares que lhes são facultados pela mídia e pela indústria cultural. São atores e atrizes de grande sucesso televisivo, jogadores de futebol, poucos oficiais militares das forças de segurança, usadas desse o império como meio de ascensão social, empresários, professores universitários e intelectuais de grande renome, que conquistaram arduamente “seu lugar ao sol” na intrincada rede social brasileira, que ainda traz marcas de um passado escravista, pesado, excludente, cruel nem um pouco adocicado como enxergava o “Feiticeiro de Apipucos”, o genial e controvertido sociólogo Gilberto Freyre.

Bauru, no século passado, deu mostras deste não reconhecimento da cidadania e negritude que ainda impera no país, através da vida de um importante personagem urbano: Leonel Batista, apelidado de Pelezinho, aceito na Cinelândia bauruense devido a sua postura ajustada/mimética. O chargista Aucione Torres Agostinho, que durante sete anos lhe prestou tributo e reconhecimento na charge diária de Leleco e Alarico no Papo do Dia, ao fundo das charges, disforme, e carregando jornais para a entrega diária. Esta era a possibilidade de reconhecimento e tributo à época da ditadura civil militar de 1964.

<sup>16</sup> AGOSTINHO, A. T. – Chargeando. São Paulo: Editora Zanzalas 1980. Página 27.

Correia das Neves, da antiga escola de jornalistas bauruenses, também atestou sua importância ao lhe dar destaque como tipo popular da cidade com alguma veia artística e humorística que encantava a alguns e assustava a outros. A Prefeitura Municipal de Bauru possui duas telas suas que conseguiram sobreviver ao autor na reserva técnica do Museu Histórico Municipal, localizado na antiga estação de trem da Cia. Paulista de Estradas de Ferro.

Personagem que ficou na memória dos mais velhos, que exercia uma negritude limitada às possibilidades da época, ainda hoje seria aceito pelo seu ajuste e seu mimetismo e não pelas suas qualidades humanas e pela sua inegável condição de cidadão na nação brasileira com direitos de cidadania garantidos pela Constituição de 1988, a “constituição cidadã”.

## **EXCLUSION AND BLACKNESS IN BAURU: PELEZINHO REMEMBRANCE**

### **ABSTRACT**

In the 1970's, Bauru lived through the appearance and propaganda of the military regime, instituted by the 1964 Military Coup. Under the apparent institutional calm and social normality, the city also lived under “racial tolerance”, with the black population represented by the “acceptance” of an urban character: Pelezinho, a black man with locomotion problems, probably from the sequelae of a childhood paralysis, a hunchback, a “Quasimodo” from Bauru. A cheerful paperboy, usually represented in the city's carnivals, but actually a socially excluded person, accepted in his blackness due to the apparent joy and acceptance of his condition. Without a trace, Pelezinho vanishes. We must know him in order to know the definitions of blackness and social exclusion in Bauru during the 1970s.

**Keyword:** Blackness. Exclusion. Life story.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, L. A.; MOTTA, R. P. S. (Org.). A dramaturgia buarqueana e a censura dos anos 1970: dois movimentos de uma trajetória que se fez entre estratégias e táticas. In: HERMETO, M. **Autoritarismo e cultura política**, Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.

AGOSTINHO, A. T. **Chargeando**. São Paulo: Editora Zanzalàs, 1980.

\_\_\_\_\_. AGOSTINHO, A. T. LELECO e ALARICO. DIÁRIO DE BAURU, Bauru, 29 de outubro de 1977. Primeiro caderno, página 4.

\_\_\_\_\_. AGOSTINHO, A. T. LELECO e ALARICO. DIÁRIO DE BAURU, Bauru, 19 de janeiro de 1970. Primeiro caderno, página 4.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v.12, n.23, p.100-122, 2007. Disponível em: <<http://zip.net/bttHxT>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

DOMINGUES, P. O Protagonismo Negro no Pós-Abolição. **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/18932>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

FERRAZ, B. **Cidades Vivas**: Sorocabana.Noroeste e Grupo Jahuense. São Paulo: Monteiro Lobato & Companhia Editores, 1924.

GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 269-287, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12525>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

A MÃO do povo brasileiro, 1969/2016. **masp.art.br**, MASP: Museu de Arte de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bbtGK9>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

NAPOLITANO, M. **1964**: História do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, C. “**Tipos populares de Bauru**”. Bauru: s/editora, 1971.

PELEGRINA, G. R. **Memórias de um ferroviário**. Bauru: Edusc, 2000.

SALIBA, T. E. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da belle époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.